

Além da Pele

Repensar, refazer
e reivindicar o corpo
no capitalismo
contemporâneo

ORFEU
NEGRO

tradução
Pedro Morais

Silvia
Federici



TÍTULO ORIGINAL

Beyond the Periphery of the Skin. Rethinking, Remaking,
and Reclaiming the Body in Contemporary Capitalism

AUTORA

Silvia Federici

TRADUÇÃO

Pedro Morais

REVISÃO

João Berhan

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2025 Orfeu Negro

© 2020 PM Press

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Abril 2025

DL 546235/25

ISBN 978-989-9225-21-3

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

Índice

Agradecimentos 7

Introdução 11

Primeira Parte

I Primeira conferência
O corpo, o capitalismo e a
reprodução da força de trabalho 21

II Segunda conferência
A «política do corpo»
na revolta feminista 37

III Terceira conferência
O corpo na actual crise reprodutiva 55

Segunda Parte

IV Sobre o corpo, o género
e a performance 69

v	Reconstruir os nossos corpos, reconstruir o mundo?	79
vi	Maternidade de substituição	93

Terceira parte

vii	Com filosofia, psicologia e terror	109
viii	As origens e o desenvolvimento do trabalho sexual nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha	129
ix	Mórmones no espaço revisitado	153

Quarta parte

x	Elogio do corpo que dança	169
---	---------------------------	-----

POSFÁCIO

	Sobre a militância alegre	177
--	---------------------------	-----

	Notas	183
--	-------	-----

	Referências	201
--	-------------	-----

Introdução

Além da Pele foi originalmente imaginado como resposta às questões suscitadas nas três conferências que dei no Instituto de Estudos Integrais da Califórnia, no Inverno de 2015, sobre o significado do corpo e das políticas do corpo no movimento feminista da década de 1970 e no meu próprio trabalho teórico. Estas conferências tinham diversas finalidades: realçar a contribuição que o feminismo da década de 1970 deu a uma teoria do corpo, hoje muito subestimada por novas gerações de feministas; reconhecer, simultaneamente, a sua incapacidade para conceber estratégias capazes de mudar significativamente as condições materiais das vidas das mulheres; e apresentar o quadro que desenvolvi em *Calibã e a Bruxa* para examinar as raízes das formas de exploração às quais as mulheres têm sido sujeitas na história da sociedade capitalista.

Neste sentido, a minha apresentação constituiu um repensar das lições aprendidas com o passado. Porém, os debates que se seguiram às conferências suscitaram questões

que foram além do quadro original, convencendo-me a alargar o horizonte das minhas conferências e deste livro. Quatro questões sobressaem como essenciais para este volume. Primeiramente, será que «mulheres» ainda é uma categoria necessária para a política feminista, tendo em consideração a diversidade de histórias e experiências abrangidas por este rótulo, ou devemos descartá-la, como Butler e outras teóricas pós-estruturalistas propuseram? De uma maneira mais geral, devemos rejeitar qualquer identidade política como inevitavelmente fictícia e optar por unidades assentes em motivos puramente opostos? Como devemos avaliar as novas tecnologias reprodutivas que prometem reestruturar a nossa constituição física e reconstruir os nossos corpos de maneiras que melhor se conformem com os nossos desejos? Irão essas tecnologias melhorar o nosso controlo sobre os nossos corpos ou irão elas transformar os nossos corpos em objectos de experimentação e lucro ao serviço do mercado capitalista e da profissão médica?

Com excepção da Primeira Parte, o livro está organizado à volta destas questões, embora a Primeira Parte seja uma preparação para elas, no sentido em que nela o meu objectivo implícito é demonstrar que o movimento feminista da década de 1970 deve ser avaliado primeiramente com base nas estratégias que adoptou e não na sua posição sobre o género. Quanto a isto, a posição que defendi difere significativamente da das teóricas da «performance», que

têm sido mais propensas a criticar o movimento de libertação das mulheres da década de 1970 pelas suas alegadas políticas de identidade do que pelas estratégias políticas reais que adoptou.

Desenvolvidas no início da década de 1990 – num período em que o feminismo passava por uma grande crise devido ao impacto de uma tomada de poder institucional, à entrada das mulheres em profissões dominadas pelos homens e a uma reestruturação económica que exigia uma força de trabalho de género mais fluído –, as teorias pós-estruturalistas que postulavam que os corpos e géneros são produtos de práticas discursivas e de performance eram, sem dúvida, atraentes, e para muitas poderão continuar a sê-lo. Mas deve ser claro que se «mulheres» for descartado como uma categoria analítica/política, então «feminismo» deve seguir o mesmo caminho, uma vez que é difícil imaginar um movimento de oposição que emergisse na ausência de uma experiência comum de injustiça e abusos sofridos. Com efeito, os patrões, bem como os tribunais, têm sido lesto a tirar partido da alegação feminista de uma diversidade irreduzível entre as mulheres, negando um estatuto de certificação de classe para as trabalhadoras de empresas (como a Walmart) que denunciavam a discriminação de género e obrigando-as, em vez disso, a apresentar as suas queixas individualmente.¹ Mais importante ainda, conseguiremos nós conceber experiências como a maternidade, a educação dos filhos e a subordinação social aos

homens como constitutivas de um *terreno comum de luta para as mulheres*, mesmo que seja um terreno em que possam ser desenvolvidas estratégias contrastantes? Estarão identidades alternativas, como a *gay*, a *trans* e a *queer*, menos sujeitas à fragmentação com base na classe, raça, origem étnica e idade?

Escrevo estas palavras depois de ter visto as imagens impressionantes das ruas de Buenos Aires e de outras partes da Argentina, onde há já muitos anos as mulheres têm convergido às centenas de milhares para lutar, a despeito das suas diversidades e muitas vezes dos seus desacordos, contra a violência que lhes é infligida, contra o seu endividamento e pelo direito ao aborto, tomando decisões coletivas que transformam o que significa ser mulher. Que seria dessas lutas sem o reconhecimento de «mulheres» como sujeito político, como identidade que é claramente contestada, mas que também é constantemente redefinida de maneiras que são importantes para a construção de uma visão do mundo que nos esforçamos por criar?

Este é o argumento que desenvolvi na Segunda Parte do livro, onde sugiro que a negação da possibilidade de qualquer identificação social e política é um caminho para a derrota. É uma negação de solidariedade entre os vivos e com os mortos, imaginando verdadeiramente povos sem histórias. Um outro pensamento preocupante é que qualquer conceito geral se constrói na presença de grandes diferenças. Não podemos falar com mais confiança de amor,

educação e morte do que de mulheres, homens e trans se considerarmos a diversidade um elemento excludente. Sabemos, por exemplo, que o amor na Grécia e Roma antigas era muito diferente do amor experimentado no século XX na Europa e nos EUA, ou do amor experimentado num contexto polígamo. Isso não nos impede de usarmos o conceito e muitos outros construídos de maneira semelhante, caso contrário ficaríamos reduzidas ao silêncio.

A Segunda Parte também analisa o que pode ser definido como um novo movimento de reconstrução do corpo, no qual tanto as inovações tecnológicas como a profissão médica têm um papel importante. O meu objectivo, neste caso, é mais realçar o que está em jogo e alertar para os perigos implícitos do que criticar as práticas envolvidas. As reconstruções do corpo variam muito, indo da cirurgia plástica à maternidade de substituição e à reatribuição de género. Mas o que começa a ser preocupante, em todo o caso, é o poder e prestígio que os especialistas médicos conquistaram por causa das mudanças de vida que prometeram. Essa dependência de uma instituição que tem uma longa história de cooperação com o capital e o Estado deve ser uma preocupação para nós. A História deve ser uma guia neste contexto.

Na Terceira Parte, incluí artigos que analisam o papel da medicina e da psicologia na organização e no disciplinamento dos trabalhadores industriais, bem como das mulheres como sujeitos do trabalho reprodutivo. A Terceira Parte

também relembra os debates, incipientes na era Reagan, do tipo de força de trabalho necessário para trabalhar em novos ambientes tecnológicos e lugares extraterrenos. É hoje elucidativo o sonho capitalista, representado em «Mórmones no espaço», de um trabalhador ascético capaz de superar a inércia de um corpo construído ao longo de milhões de anos e que funcione, por exemplo, em colônias espaciais, uma vez que o desenvolvimento capitalista da inteligência artificial requer novas habilitações e um remodelamento das subjectividades. Presentemente, a expressão concreta desse sonho é a instalação nos nossos cérebros de *microchips* que permitem, a quem se pode dar ao luxo de pagá-los, melhorar as suas capacidades e deixar de usar passaportes e chaves. Mas também não faltam as visões de um tempo em que indivíduos seleccionados seguramente funcionarão como mentes puras, capazes de armazenar grandes quantidades de memória e de pensar a uma grande velocidade, lendo, por exemplo, um livro em meia hora. Entretanto, a experimentação com o desmembramento e a recombinação dos nossos corpos também avança a grande velocidade, apontando para um mundo em que a clonagem, a edição genética e a transferência de genes — já feita em animais — farão parte do dispositivo médico/científico, presumivelmente permitindo a um futuro mundo capitalista produzir não apenas mercadorias inanimadas, mas também novas formas de vida humana.

Neste contexto, reivindicar o nosso corpo, reivindicar a nossa capacidade de decidir sobre a nossa realidade corpórea, começa com a afirmação da capacidade e da sabedoria do corpo tal qual o conhecemos, no sentido em que se formou ao longo de um grande período de tempo, em constante interacção com a formação da Terra, de formas que são manipuladas com grande risco para o nosso bem-estar. «Elogio do corpo que dança», o artigo que conclui o livro, que escrevi depois de assistir a uma dança que a coreógrafa Daria Fain produziu sobre o surgimento da consciência e da linguagem, celebra essa capacidade e sabedoria que o capitalismo actualmente quer destruir. A minha visão aqui difere da concepção bakhtiana do corpo pantagruélico, tal como foi imaginada por Rabelais na França do século XVI. Este é um corpo que se expande além da sua pele, mas que o faz apropriando-se, ingerindo tudo o que é comestível no mundo, numa orgia de prazer sensual e de libertação de todos os constrangimentos. A minha concepção é igualmente expansiva, mas de uma natureza diferente. Porque o que encontra, ao ir além da pele, não é um paraíso culinário, mas a continuidade mágica com os demais organismos vivos que povoam a Terra: os corpos de humanos e não-humanos, as árvores, os rios, o mar, as estrelas. Esta é a imagem de um corpo que reúne o que o capitalismo dividiu, um corpo que já não é constituído como uma mónada leibniziana, sem janelas nem portas, mas que, em vez disso,

se movimenta em harmonia com o cosmo, num mundo onde a diversidade é uma riqueza para todos e um terreno de comunhão, não uma fonte de divisões e antagonismos.